

## **O TEXTO TEIA E A (DES)CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO LEITOR**

*Diego Corrêa Diniz (UERJ)*

[diegocdiniz@gmail.com](mailto:diegocdiniz@gmail.com)

*Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba (UERJ)*

[majordao@ubl.com.br](mailto:majordao@ubl.com.br)

*Maurício Silva Fagundes (UERJ)*

Partindo da noção barthesiana de texto de gozo ou texto-limite, articulada, por sua vez, à noção de despragmatização da teoria do efeito, pretendo comentar a dissolução momentânea experimentada pelo ego do leitor, quando enredado pelas malhas da escritura. Segundo a teoria do efeito, o texto literário – ao dispor lado a lado, em seu repertório, as normas e valores dos sistemas de sentido do mundo – libera espaços para a entrada do leitor no sistema de sentido do texto, entrelaçando-o em suas perspectivas e propiciando-lhe uma experiência verdadeiramente estética. Já de Barthes, acatamos a sugestão de que se desse o nome de hifologia a uma possível teoria do texto: *hyphos* é o termo grego referente à teia da aranha. Tal nomenclatura traz em sua semântica a noção de texto como um entrelaçamento complexo dos múltiplos sentidos que lhe constituem. Daí pretendo apontar como o ego, organizado verticalmente, tal qual os sistemas de sentido do mundo que internaliza, passa por uma dissolução de sua concretude – uma espécie de morte momentânea – a partir da qual emerge a possibilidade simbólica de um renascimento. Em suma, o que eu gostaria é de comentar o belo e terrível quadro sugerido pela ideia de um texto-teia; nele o ego do leitor está como a borboleta na teia da aranha, prestes a ser dissolvido pelos sucos digestivos dos fios: teias, tecidos, textos são malhas em que o leitor se funde, num eterno movimento de construção/desconstrução, morte/renascimento.